



APRESENTAÇÃO

Mulheridades é a realização de um sonho coletivo. Desde que iniciamos o nosso trabalho como filósofas clínicas, pensávamos em construir um espaço para que nós mulheres pudéssemos compartilhar nosso fazer e saber sobre a arte da escuta e do acolhimento.



Algumas tentativas foram feitas, mas não era o momento, o percurso ainda era muito solitário e havia pouco espaço para essas trocas. Hoje, com as circunstâncias mais favoráveis, demos o primeiro passo: Lançamos a primeira edição de *Mulheridades*, abordando a seguinte reflexão – **“Mulheridades: da pluralidade às singularidades na clínica”**

Reunimos nesta edição onze artigos, onze falas de mulheres, filósofas clínicas que estão compartilhando suas representações sobre o ser mulher, suas vivências, saberes e pesquisas sobre essa arte do cuidado chamada Filosofia Clínica.

Inspiradas pelo pensamento de bell hooks, teórica feminista estadunidense, tomamos por empréstimo o termo “mulheridades” como ponto de partida para esta edição, sem perder de vista nosso lugar existencial de terapeutas e o compromisso com o cuidado singular. *Mulheridades* desloca o olhar da ideia universal e abstrata de “mulher” para a concretude de vidas plurais, encarnadas em infinitas singularidades e atravessadas pelas bases categoriais que moldam cada existência. Na Filosofia Clínica, esse deslocamento ecoa diretamente em nossa responsabilidade diante da(o) partilhante: um profundo exercício de alteridade que exige o manejo simultâneo de dois instrumentos, o telescópio e o microscópio, em um singelo vice-conceito. Com o telescópio, observamos os marcadores estruturais das bases categoriais, como tempo, lugar, circunstância, assunto imediato e assunto último, articulados às interseccionalidades que compõem o tecido social: raça, classe, identidade de gênero, sexualidade, território e corpo. Com o microscópio, adentramos o universo singular, a célula viva do organismo social, onde cada partilhante revela sua história única, enraizamentos, seus modos próprios de sentir, compreender e narrar.

Essa é nossa responsabilidade ética: não perder de vista o partilhante em relação, em suas conexões consigo, com o mundo e com os contextos que o atravessam. Nesse horizonte de alteridade radical, e considerando a Filosofia Clínica como um ponto de vista que questiona normas patológicas e sociais sem negá-las, mas em diálogo com cada singularidade, incorporamos também o conceito de “outrerdades”, de Letícia Nascimento, escritora travesti brasileira. A noção de outrerdades nos convoca a reconhecer e acolher as existências que escapam às normatividades, vidas que produzem modos outros de ser, viver e conviver, especialmente nas experiências de mulheres trans e travestis. Mulheridades e outrerdades, entrelaçadas, expandem nosso repertório e vocabulário ético-clínico das bases categoriais, lembrando-nos de que nenhuma identidade se encerra em uma forma única, fixa ou universal.

É nesse encontro entre pluralidades e singularidades que afirmamos uma clínica capaz de escutar mundos diversos, reconhecendo que cada mulher em suas múltiplas formas de ser é um campo vivo de histórias, especificidades, contradições e complexidades infinitas



Abraçando a construção compartilhada, tão mais rica quanto maior for sua diversidade, a tessitura de Mulheridades se dá a semelhança de um patchwork, onde retalhos funcionam como atalhos, pontes que aproximam singularidades pela delicadeza da costura e integridade do fio que as irmana. Assim cirandam historicidades, prática clínica e método, graças as mãos dadas de muitas. É como se coletássemos fragmentos de nós mesmas e os acoplássemos, ora por complementaridades, ora por parecências. Mulheridades guarda mistério e, porque não dizer, sedução.

A feminilidade não se anuncia como súplica, mas como irrupção ontológica: força originária que se inscreve no mundo sem pedir passagem. Já não se recolhe ao silêncio, mas se afirma em palavra, palavra que funda presença, palavra que convoca escuta. Quem se dispõe, que ouça; quem não, que se confronte com o inevitável desvelar do feminino.

Habitar o feminino é carregar o peso e a leveza de múltiplos adjetivos, ora singularizados, ora pluralizados, que nos foram impostos por olhares externos. São designações que pretendem delimitar, mas que revelam, em sua insuficiência, a distância de quem jamais adentrou o universo chamado mulher.



Essa força originária nos remete a compreensão do gênero feminino como arquétipo que antecede a formação do corpo, pois se manifesta nos atributos da deusa Gaia, como força primordial dando origem ao movimento da existência da vida como um todo. Essa força originária e primordial habita de uma maneira ímpar a pluralidade do ser mulher, nas suas várias manifestações... perceber e resgatar essa força na escuta e no respeito à Estrutura de Pensamento singular de cada mulher é uma tarefa delicada que requer uma costura fina a partir de um emaranhado de enraizamentos onde se constrói uma historicidade única de cada ser feminino e que infinitamente cada pedacinho dessa costura complementa a história originária do gênero feminino iniciado no tempo primordial de Gaia e se realiza infinitamente em formas singulares de ser.

Reconhecer a singularidade de cada mulher configura-se como uma transformação necessária de paradigma sobre o ser mulher numa época ainda predominante e convencionalmente patriarcal. E não só não nos vemos mais obrigadas a nos encaixar em um esquema pré-estabelecido e imposto como o correto a ser seguido, como propomos intersecções também singulares com o outro e o mundo, ampliando uma rede possível de acolhimento à nossa multiplicidade, de modo a ir além do para nós, além das mulheridades (porque por meio delas), em direção à construção de um mundo ainda mais autêntico, em sua pluralidade. Dentro deste contexto, nosso modo de ser e estar no mundo se torna uma provocação a ser sempre respondida, além de colaborativa, nos mais diferentes atendimentos clínicos.

Uma construção de saberes advinda de mulheres que dedicam sua escuta à outras mulheres. E essas mulheres, filósofas clínicas, dividem sua escuta com tantas outras funções que assumem em seus mais diversos papéis existenciais, sejam como filósofas clínicas, professoras, pesquisadoras, educadoras, mães, filhas, amigas, karatecas e tantos outros.



Ao atender uma mulher em consultório, os papéis existenciais não são romantizados e nem estereotipados. Há uma escuta profunda e amorosa, onde a condução para a autenticidade respeita a historicidade de cada pessoa, sendo que a dor da mulher não está na sua autenticidade, mas no “deve ser” mulher que pode conflitar com o “ser” mulher para aquela partilhante atendida em consultório.

Ser mulher... tarefa complexa. Somos muitas.

Somos olhares, sorrisos, lágrimas, calor, frio; maquiadas, gostosas, sem maquiagem; românticas, delicadas, assanhadas, guerreiras; meninas carentes, mulheres dominadoras e poderosas; sozinhas, castradas, violentadas, sem possibilidades e provedoras. Somos gritos e silêncio; filhas, mães, irmãs, amigas, amantes.

Somos dor, nascimento, colo, alimentação.

Somos artistas, advogadas, faxineiras, estudantes, professoras, prostitutas, do lar, filósofas clínicas e AUTORAS.

